

## **Franco Berardi, Bifo. Teoria do Rádio. Mídia e Política.<sup>1</sup>**

Mauro Sá Rego Costa<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### **Resumo:**

Apresentação do pensamento de Franco Berardi (Bifo), articulador da Radio Alice, Bolonha – 1976-77 -, a primeira e mais conhecida das rádios livres italianas. A teoria do Rádio em Bifo/ Rádio Alice é indiscernível da teoria política Autonomista - da Autonomia Operária - a qual seu grupo estava ligado – mas tem um escopo bastante amplo que vai de uma base na filosofia de Deleuze e Guattari, à Estética da vanguarda do século XX, ao Budismo. Após o fechamento da Rádio Alice, o trabalho teórico de Franco Berardi se amplia para além da Teoria do Rádio *stricto sensu*, a uma teoria de todas as mídias sempre articulada à ação política. Pode ser acompanhada hoje através do *site* <http://www.rekombinant.org/>.

**Palavras-chaves:** Franco Berardi, Bifo; Rádio Alice; Autonomia; Mídia e Política; Buda

Franco Berardi ou “Bifo”, apelido com que assinava suas pinturas, ainda no curso secundário, foi militante da tendência *Potere operaio*, e participou do movimento de '68 na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Bologna, onde defendeu sua tese em Estética. Em 1970, publica seu primeiro livro – *Contro il lavoro* (Contra o trabalho) – pela editora Feltrinelli. Em 1975 funda a revista *A/traverso*, que se torna um ícone do movimento artístico-político de Bologna. Em 76 participa da organização da Radio Alice.

### Informações falsas produzem eventos verdadeiros

A contrainformação denuncia o que o poder diz de falso, enquanto o espelho da linguagem do poder reflete de modo deformado a realidade – restabelece o verdadeiro, mas como mero espelhamento. Radio Alice, a linguagem através do espelho, construiu o espaço no qual o sujeito se reconhece, não mais como espelho, como verdade restabelecida, como reprodução imóvel, mas como prática de existência em transformação ( e a linguagem é um nível da transformação). Ora, vamos mais adiante. Não basta denunciar o falso do poder, é preciso denunciar e romper com o verdadeiro do poder. Quando o poder diz a verdade e pretende que seja Natural, denuncia-se o quanto desumano e absurdo é a ordem da realidade que a ordem do discurso (o discurso da ordem) reflete, reproduz e consolida. Trazer a descoberto o delírio do poder. Mas não só isso. É preciso tomar a posição (autovalidante) do poder, falar com a sua voz. Emitir sinais com a voz e o tom do poder. Mas sinais falsos. Produzamos informações

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 06 – Rádio e Mídia Sonora, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom – XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Adjunto e atual Diretor da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense / UERJ; Procientista / UERJ; Coordenador da Oficina Híbridos do Labore – Laboratório de Estudos Contemporâneos -; Vice-presidente da Associação Comunitária de Comunicação, Educação e Cidadania de Vila S. Luís – Rádio Kaxinawá - maurosa@uerj.br

falsas que mostrem o que o poder esconde, e que produzam revolta contra a força do discurso da ordem. Reproduzamos o jogo mágico da verdade. Verdade falsificante, para dizer com a linguagem da mass-media aquilo que eles querem esconjuram. Basta um pequeno deslocamento para que o poder mostre o seu delírio: Lama diz todos os dias que vão fuzilar os absentéistas.<sup>3</sup> Mas esta verdade do poder esconde dentro dela uma pequena tela lingüística. Vamos rompê-la e fazer Lama dizer o que pensa realmente. A força do poder está em falar com o poder da força. Façamos a Prefeitura dizer que é justo levar gratuitamente a carne dos açougues. Nesta via, vai mais adiante a contra informação, vai mais adiante Alice; a realidade transforma a linguagem. A linguagem pode transformar a realidade.

construir células de ação mao dada

(*A/traverso* 1977)

Este é um exemplo de texto publicado pela revista *A/traverso*, feita pelo mesmo grupo que organiza a Rádio Alice, em 76, 77, e com a mesma proposta. Franco Berardi e seus companheiros não estavam atrás simplesmente de um “outro Rádio”, mas de uma outra política que tem seus aspectos midiáticos ressaltados. A convicção de Bifo era de que o papel de seu grupo não era o de liderar e organizar o movimento político, mas o de fazer circular informação e comunicação. Foi isto que levou à criação da Rádio Alice, culminação de um pensamento sobre política e informação que vinha se formando desde o início dos anos 70. Mais que qualquer idéia do militante leninista, como porta-voz da verdade contra as mentiras da Burguesia, a Rádio permitiria a constituição de uma zona de auto-organização lingüística do movimento, em aliança com outras áreas de auto-organização, como as fábricas, a Universidade, e, especialmente, zonas de experimentação não-institucional de novas maneiras de viver.

A Rádio Alice, era mais uma filha de Maiakovsky que de Lenine; com uma militância mais próxima dos hippies que dos bolcheviques. Bifo sintetiza suas reflexões sobre este período de subversão cultural e política: “O problema real é o de criar novas condições culturais, cotidianas, vivenciais, relacionais, psíquicas para que um processo de auto-organização da sociedade possa se livrar das correntes que o comando capitalista determina”.

Num livro publicado em 1977 - *La Barca d'Amore e Spezzata*, (A barca do amor está ao mar – uma citação de Mayakovsky) - Bifo expõe a “política editorial” da Rádio Alice como seqüência de um movimento que se inicia com a vanguarda do início do século XX, e segue até as propostas moadadaístas. De Maiakovsky, passando pelos dadaístas,

<sup>3</sup> Lama era, na época, o presidente da CGIL, a Central Unica dos Trabalhadores Italianos. “Absentéistas” eram os que pregavam pela falta ao trabalho sistemática como forma de luta.

a Artaud, e John dos Passos – uma estética materialista recomposta coletivamente. O livro mostra como estratégias desta estética de experimentação e desterritorialização tornaram-se parte da prática política do movimento, ao ponto em que ação política, escrita e narrativa radiofônica tornam-se indissociáveis.

O segundo trabalho deste período - *Il Cielo e Finalmente Caduto Sulla Terra*, (O Céu Finalmente Caiu sobre a Terra), uma série de textos escritos para *A/traverso*, é outro documento sobre a ação político-estética-midiática da Rádio Alice. Trata-se, desde o início de uma pós-política emergente – política de micro-comportamentos escapando tanto ao poder capitalista quanto às formas de resistência partidárias instituídas. Segundo Bifo o capitalismo perdeu a mira em seus ataques aos sindicatos, às greves, ao terrorismo. Deixa de ver uma nova figura que surge, impossível de se capturar, um “jovem proletariado” composto de jovens, trabalhadores, mulheres, estudantes, homossexuais, e que não se adequa às velhas idéias socialistas sobre o que constitui a política e as subjetividades políticas. “Libertinagem, desordem, celebração – este é o território em que o comportamento dos jovens, estudantes, trabalhadores, se localiza. E se isso não é política para os burocratas, que seja! É a nossa própria política, e se isso te perturba, podemos chamá-lo de outra coisa. Apropriação e liberação do corpo, transformação coletiva das relações interpessoais: esta é, hoje, a forma do projeto elaborado contra o trabalho fabril, contra qualquer ordem baseada na expropriação e na exploração”<sup>4</sup>.

Por trás da ingenuidade aparente desta proposta há uma concepção de luta radical que leva adiante a política já desenvolvida no *Potere Operaio*, responsável pelas primeiras greves selvagens, com objetivos inteiramente estranhos aos velhos sindicatos. O objetivo de sua luta não é mais atacar o Estado ou o Capital organizado e organizador da disciplina fabril, mas criar zonas de auto-organização. O Comunismo como poder de dissociação. “Absentismo, sabotagem, coletivização, tantos micro-comportamentos emergentes. O Comunismo não é a síntese, a unificação destes comportamentos, mas sua recomposição transversal”<sup>5</sup>

Sua questão é trazer esta luta para o plano da expressão, descobrir a sua língua. Afinal, em maio de 68, ao lado de todos os slogans situacionistas, roubados de Tzara, de André Breton, dos surrealistas; e do pouco caso e mesmo “traição” do PCF, que não conseguia entender nada, a discussão da luta política ainda não havia se livrado de um velho

---

<sup>4</sup> *Il Cielo e Finalmente Caduto Sulla Terra*, 22, citado por Michael Godard em *1968-1977-1999 and Beyond: Bifo's Futural Thought and the Invention of World 3*, in [www.cc.jyu.fi/~jukpelto/bifo-futural-thought.html](http://www.cc.jyu.fi/~jukpelto/bifo-futural-thought.html)

<sup>5</sup> *idem*, 53.

Marx, da “luta de classes como motor da História”, de um leninismo sem pai. A questão para estes teóricos italianos dos anos 70, e Bifo representa um de seus pólos mais instigantes, é então, esta invenção de linguagem e expressão indissociável da ação política.

Assim Bifo fala da importância da ironia na retórica da Rádio Alice – não da sátira que propicia uma crítica óbvia, mas da ironia que é um modo de se colocar “entre”, de não se organizar mas de desorganizar o discurso, favorecendo a tendência para o não-sentido, o paradoxo, que seria a forma de linguagem-ação política adequada a esta proposta -. Assim, Bifo coloca:

Eu acredito que a coisa mais importante da Radio Alice, vista de hoje, seja o seu uso da ironia. Pode-se entender a ironia de um modo reduutivo. Com efeito, a ironia não é só uma arma contra o poder. E até o termo “arma”, pensando bem, é impróprio. Porque seria uma fraca consolação contar com a ironia enquanto os outros te massacram e te reduzem a farrapos. Acredito que a ironia seja próxima, de algum modo, a um “caminho”, entendido no sentido budista. No budismo (..) há a consciência de que o que está no centro é o vazio, a impermanência de nosso existir sobre a terra. Ora, a ironia me parece propriamente a consciência de que tudo o que fazemos na nossa vida é impermanente. Um dos exemplos mais característicos da experiência da Rádio Alice me parece o momento em que, enquanto aconteciam todos aqueles fatos trágicos, dolorosos, numa certa medida, até históricos, Mauricio Torrealta pegava o telefone e do outro lado da linha ouve um sax que toca, coloca-o direto no ar por dez minutos, e depois conclui: “Estávamos seguros que fosse Mayakovsky”. O fato de introduzir no fluxo da comunicação de qualquer tipo esta suspensão do sentido, na minha opinião é o signo mais importante da experiência daquela rádio.<sup>6</sup>

Em trabalho apresentado na Intercom 2004, enfatizei esse aspecto da linguagem da Rádio Alice mostrando-o como um dispositivo de dessubjetivação, a voz da “quarta pessoa do singular”, este recurso ao nonsense e ao paradoxo que é trabalhado na sua forma ontológica por Gilles Deleuze em *Lógica do Sentido*, um livro sobre Alice.

Em *Lógica do Sentido* encontramos os princípios e o método desse projeto de comunicação e política “através do espelho”. *Lógica do Sentido* é um livro sobre a organização e desorganização, o aparecimento e desfazimento do sentido; sobre os poderes da presença e da ausência do sentido. É um texto político estóico (como os de Lewis Carroll) sobre os potenciais e fluxos do sentido e do não-sentido e de como os dois se co-pertencem.<sup>7</sup>

A tendência estético-política que move a Rádio Alice é algo sempre raro na História, tanto a política quanto a das artes. Momentos raros e de enorme intensidade na vida daqueles

<sup>6</sup> Entrevista de Bifo a Antonio Caronia, *Pulp*, maio-junho, 2002.

<sup>7</sup> *Rádio Alice Através do Espelho. Gilles Deleuze. Política e Poética Estóicas na Teoria do Rádio*. Trabalho apresentado ao NP 06 – Rádio e Mídia Sonora, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom – XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação..

que tiveram o privilégio de vivê-los; e está presente no uso político que Bifo faz do *Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari – o *Anti-Édipo* na sua versão prático-política – como observa Michael Godard, ainda em relação ao *Il Cielo é finalmente cadutto*:

(...) nas sessões em que analisa a subjetividade e a escrita coletiva (...) toma e desenvolve politicamente muitas das idéias-chave do *Anti-Édipo* de Deleuze e Guattari, podendo-se pensar o livro de Bifo como uma tradução e reinvenção deste num contexto mais radicalmente politizado. O livro como um todo busca a criação de uma política do movimento que não possa ser reduzida a uma só linha, partido ou forma de organização, nem mesmo a autonomista; mas que abraçe as múltiplas políticas do movimento, dando-lhes mais espaço para se desenvolver. Inevitavelmente, esta política pós-política converge para a mídia, e especialmente para o rádio como seu espaço (...) <sup>8</sup>

Em seu livro sobre Felix Guattari, Bifo estabelece as diferenças entre o movimento das rádios livres italianas e as francesas, que as seguem.

Na França, as rádios livres tiveram um significado de ruptura mais forte que na Itália. O tradicional centralismo estatista francês reagia com suspeita ao florescer de muitas vozes, e pela primeira vez, culturas minoritárias e underground podiam ter uma voz. Radio Soleil transmitia música maghrebiana; a Radio Tomate contava as batalhas dos ecologistas e a ocupação de casas pelos jovens proletários da periferia de Paris <sup>9</sup>.

Guattari via na experiência das rádios livres italianas e francesas o início de um processo cujo sentido seria o de fazer explodir o modelo massmediático. Segundo Berardi:

A experiência das rádios livres (e, particularmente da Rádio Alice, que desde o início expressa a consciência da específica concatenação tecno-midiática representada pela rádio na sua interação contínua com os ouvintes) antecipou um processo de auto-organização tecno-comunicativa que prefigura a superação da época midiática. Essa consciência faz de Guattari um precursor da cibercultura libertária <sup>10</sup>.

A novidade maior, em relação à Rádio Alice, é que foi a primeira vez em que este movimento de artistas-políticos se dá tendo como veículo uma mídia eletrônica – com seu caráter de imediaticidade na comunicação - . Isso permitiu, por exemplo, como me relatou Giuseppe Cocco, que a rádio orientasse as manifestações operário-estudantis em Bolonha, avisando aos ouvintes por quais ruas estava vindo a “repressão”, e por onde era possível continuar para evitá-la. É claro que essas informações vinham das ruas, não somente dos

<sup>8</sup> Michael Godard. *1968-1977-1999 and Beyond: Bifo's Futural Thought and the Invention of World 3*, in [www.cc.jyu.fi/~jukpelto/bifo-futural-thought.html](http://www.cc.jyu.fi/~jukpelto/bifo-futural-thought.html)

<sup>9</sup> Franco Berardi Bifo. *Felix. Narrazione dell'incontro con il pensiero di Guattari, cartografia visionaria del tempo che viene*. Luca Sossela Editore, Roma, 2001, 41.

<sup>10</sup> Idem, 43.

“repórteres” da rádio, mas dos estudantes e trabalhadores que faziam a passeata, e estavam ligados na rádio. Revolução do transistor e do “orelhão”, anterior às da Internet e do celular.

Seus locutores transmitiram igualmente a invasão do estúdio pela polícia, fazendo apelos contínuos aos advogados que a apoiavam para que viessem para a rádio, atuar como negociadores e representá-los junto à Justiça. Transmitiram as portas do estúdio sendo arrombadas, os berros da polícia, as ameaças armadas, até o momento em que a polícia desliga o transmissor.

Depois do fechamento da Rádio Alice, Bifo se refugia na França, onde publica uma tradução de *Il Cielo e Finalmente Caduto Sulla Terra*, e *Radio Alice Radio Libre* - com prefácio de Guattari -, em grande parte, a tradução de *Alice é il diavolo*, coletânea de textos de *A/traverso*, de 1976. A partir daí as aventuras literárias, libertárias e visionárias de Bifo se expandem. Publica *Il paradosso della libertá* em 1990; *Politiche della mutazione*, em 1991; *Come si cura il nazi*, em 92. Colabora com a revista *Semiotexte*, em Nova York, onde passa um período de seu exílio, além das revistas *Musica*, de Milão; *Metropoli*, de Roma e *Chimeres*, de Paris. Muda também o escopo de sua reflexão, ampliando-a da questão das rádios livres e políticas a toda uma análise do espaço midiático - rádio, televisão, e, finalmente, com ênfase às redes informatizadas e a Internet – como espaços bio-sócio-políticos e, ao mesmo tempo, meios de intervenção política.

*Mutazione e cyberpunk. Immaginario e tecnologia negli scenari de fine millenio*, escrito entre 1989 e 1993, faz uma bela síntese de seu pensamento neste período, com ensaios que tratam principalmente da mutação neurológica prefigurada pela entrada súbita de todos nós no cyberspaço<sup>11</sup>, para o qual nosso aparelho cognitivo ainda não é adequado. Esta mutação, que virá, é precedida por um período de grande desequilíbrio e sofrimento. As psicopatologias e as psicoquímicas que as acompanham são analisadas. Aponta doenças como a depressão e o pânico, que são hoje prato-do-dia nos Congressos de Psiquiatria ou de Psicanálise, associando-as a esta fase de “transição tecnocomunicativa”. Trata dessas mudanças, articulando-as às transformações do capitalismo atual, ao enrijecimento da “identidade” pessoal, social, étnica e aos contra-efeitos produzidos num uso libertário do cyberspaço, da rede, sobre qualquer modo de “identidade”. Chega a ser profético, numa referência à “guerra infinita”:

Os efeitos desta guerra sobre o imaginário social se manifestam mesmo se a guerra não se desenvolve em sua forma completa, se é preparada e anunciada e remetida ao infinito. A percepção de uma impotência generalizada para modificar

---

<sup>11</sup> Tanto *cyberpunk*, quanto *cyberspace*, são termos criados pelo escritor de ficção científica William Gibson, no romance *Neuromancer* (trad. Alex Antunes, Ed Aleph, 2003), citado várias vezes no texto.

o mundo, e sair do equilíbrio do terror instaurado pela simulação da guerra acaba por agir como fator depressivo; e o ciclo pânico-depressão constitui assim uma economia implosiva do cérebro social contemporâneo<sup>12</sup>.

Bifo trata da questão da permanência e do enrijecimento da identidade, fator facistizante no estágio atual do capitalismo, e da luta por seu esvaziamento - a que me referi em trabalho anterior -, com a mesma ênfase com que este tema era tratado na época da Rádio Alice.

A época moderna atribui uma importância central ao indivíduo. Nas civilizações tradicionais, o indivíduo se reconhece de modo imediato nas formas comunitárias, tribais e familiares. A sociedade capitalística<sup>13</sup> produz uma atomização dos homens, isolando-os em seu ser mero terminal de um processo geral, o processo de produção de valor, e em ser portadores de um abstrato tempo de trabalho. Ao mesmo tempo, a cultura capitalística estimula nos homens a necessidade de ser reconhecidos, de construir sua identidade. Na sociedade capitalística, o indivíduo deve ganhar o próprio ser através da construção de sua identificação no mercado do aparecer<sup>14</sup>.

Na luta pelo esvaziamento da “cultura da identidade” capitalística, Bifo responde, neste texto, como na sua entrevista à *Pulp*, reproduzida anteriormente, com uma concepção emprestada aos budistas:

“A lição de Buda é que não existe nada que possa ser definido como ‘eu’ (...). Não há nada como um ‘eu sou’. Buda descobriu que o conjunto de suas concepções, idéias, esperanças e medos, emoções, deduções, etc não passam de criações, de uma herança psicológica que nos limitamos a coordenar”. A partir daí é preciso reformular toda a reflexão sobre a identidade: devemos considerá-la como uma projeção de Maya, como o concretizar-se neurótico de uma ilusão, o enrijecimento de uma percepção egóica do fluir. A História, a Economia, são os regimes e as modalidades deste enrijecer-se, deste cristalizar-se da experiência do fluir. O reino do valor é o mundo no qual ao gozo dos signos e dos bens se substituiu a acumulação e o mercado.<sup>15</sup>

Para concluir:

Cristo institui o paradigma da tensão histórica, do adiamento escatológico, da espera e da responsabilidade. O resultado da sua lição é violência, violência e violência. Em nome da salvação que virá, toda violência é justa e necessária.

Mas Gautama Sidarta sugere, ao contrário, que a salvação vem da irresponsabilidade, e que só o subtrair-se é perfeito.

Não há liberação da sociedade, mas só liberação da ilusão do vínculo social.

<sup>12</sup> Franco Berardi Bifo. *Mutazione e cyberpunk*, edizioni costa & Nolan, Genova, 1994, 56.

<sup>13</sup> “capitalístico” sim, e não “capitalista”: Bifo aproveita a diferença feita por Guattari; capitalístico refere-se a todo um universo cultural e ético, e não simplesmente à economia política capitalista.

<sup>14</sup> Bifo, 1994, 175.

<sup>15</sup> Bifo, 1994, 175.

Neste sentido deve compreender-se a lição budista: em primeiro lugar, como consciência da indeterminação do ser e como consciência da ausência de finalidade do fluir.

Em segundo lugar, como dissolução da ilusão do eu. Não há nada que corresponda ao eu: só há fluxos, energias, relações.

E em terceiro lugar Wu Wei: a nobreza do não fazer, a superioridade cognoscitiva e ética do não fazer com respeito ao decidir. Decidir traz o corte de uma prospectiva e a eliminação do infinito possível. Não fazer significa transmigrar para universos mais leves.<sup>16</sup>

Mas Bifo continua escrevendo. Em seu último livro, *Il Sapiente, Il Mercante, Il Guerriero*<sup>17</sup>, propõe uma releitura do projeto Autonomista para os tempos atuais, a partir de uma análise, sempre singular, da situação política. Seu ponto de partida é o *Bug do Milênio*, o primeiro grande mito da infosfera. Previa o mito que em 31 de dezembro de 1999, todas as grandes redes informáticas do mundo (como a dos grandes bancos, sistemas de defesa, etc) sofreriam uma pane porque os computadores não saberiam ler a passagem de 99 a 00 nos seus calendários. Isso não fora previsto em seus programas.

Para Bifo, este mito, levado à serio em muitas areas, é um signo da extensão em que a economia, a mídia, os afetos e inteligência humanos – ou, a infosfera, a mídia e a psicosfera – estão inteiramente articuladas. Ao mesmo tempo, mostrou a fragilidade das conexões entre a infosfera e a psicosfera, e entre a tecnosfera e a biosfera. Foi uma espécie de fantasmático *breakdown* apocalíptico na fantasia da ordem global, e uma antecipação do 11 de setembro e da política de “Guerra infinita” que se seguiu a ele.

O 11 de setembro deu forma física, dolorosa, trágica, ao fim, da crença liberal do crescimento infinito da economia com base na informática e na rede. Bifo mostra como a economia mundial nos anos 90 é uma esquizo-economia, com o mundo dividido entre uma esfera virtual de hiper-desenvolvimento e uma esfera física de guerra permanente. A implosão do World Trade Center não foi só o fim da euforia da economia virtual, mas a instauração de uma nova economia do medo, que é o que caracteriza, acima de tudo, a situação atual.

O trabalho teórico de Bifo, atualmente, se articula como uma leitura em camadas, dessas mútuas ligações entre a Psicosfera e Infosfera, a grande mídia controlada pelo Capital e produtora globalizante de subjetividade, a Internet como um novo ator do jogo; a Psico-Economia do Medo e as linhas de fuga que se constroem na Internet, em projetos de intervenção como o Telestreet - via tv + internet - ações do “cognitariado”, os novos

---

<sup>16</sup> Bifo, 1994, 178.

<sup>17</sup> Franco Berardi. (Bifo) *Il sapiente, il mercante, il guerriero. Dal rifiuto del lavoro all'emergere del cognitariato*. DeriveApprodi, Roma, 2004



proletários cognitivos<sup>18</sup>. As rádios estão presentes, mas não ocupam mais o centro como nos anos 70. A ação teórico-política de Bifo pode ser acompanhada no site que ele coordena junto com Matteo Pasquinelli – o <http://www.rekombinant.org/> -.

### Referências bibliográficas:

GODDARD, Michael. *1968-1977-1999 and Beyond: Bifo's Futural Thought and the Invention of World 3*, in [www.cc.jyu.fi/~jukpelto/bifo-futural-thought.html](http://www.cc.jyu.fi/~jukpelto/bifo-futural-thought.html)

BERARDI, Franco. Bifo. *Felix. Narrazione dell'incontro com il pensiero di Guattari, cartografia visionaria del tempo che viene*. Luca Sossela Editore, Roma, 2001.

BERARDI, Franco, Bifo. *Mutazione e cyberpunk. Immaginario e tecnologia negli scenari de fine millenio*, edizioni costa & nolan, Genova, 1994.

BERARDI, Franco. (Bifo) *Il sapiente, il mercante, il guerriero. Dal rifiuto del lavoro all'emergere del cognitariato*. DeriveApprodi, Roma, 2004

Entrevista de Bifo a Antonio Caronia, *Pulp*, maio-junho, 2002, in <http://www.shake.it/alice.html>

COSTA, Mauro Sá Rego. *Rádio Alice Através do Espelho. Gilles Deleuze. Política e Poética Estóicas na Teoria do Rádio*. Trabalho apresentado ao NP 06 – Rádio e Mídia Sonora, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom – XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação e, em sua versão em inglês, no encontro The Italian Effect. Radical Thought, Biopolitics and Cultural Subversions, na Sidney University, Austrália, 2004.

GIBSON, William. *Neuromancer*. Trad de Alex Antunes. Ed Aleph, São Paulo, 2003.

Franco Berardi "Bifo" interviewed by Matt Fuller & [snafu@kyuzz.org](mailto:snafu@kyuzz.org) – *Cognitariat and Semiokapital*. V. <http://www.kyuz.org>

---

<sup>18</sup> V. *COGNITARIAT AND SEMIOKAPITAL*. Franco Berardi "Bifo" interviewed by Matt Fuller & [snafu@kyuzz.org](mailto:snafu@kyuzz.org)